

DA INTERPRETAÇÃO COMUNITÁRIA À INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA: DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS

Carlos Henrique Rodrigues
LETRA/ PosLIN/ FALE/ UFMG
GEES/NEPED/ FACED/ UFJF

Resumo

Neste artigo, pretende-se explicitar, com base nos Estudos da Tradução/ Interpretação e da Interpretação em Língua de Sinais, reflexões acerca de diversas questões que permeiam o atual processo de formação de intérpretes de Língua de Sinais (ILS) em relação às peculiaridades de sua atuação. Para tanto, aplicaram-se questionários à ILS da região sudeste e centro-oeste. Com base nos dados coletados, analisaram-se os aspectos apresentados por diferentes tipos de interpretação, contrapondo-os à realidade vivenciada pelo ILS e, conseqüentemente, às demandas de sua atuação, considerando-se implicações da diversidade presente em meio às pessoas com surdez. A pesquisa evidenciou que a interpretação em Língua de Sinais ou para Surdos tem se constituído como um campo específico que congrega diversos tipos e esferas de interpretação, desde a comunitária (esfera intra-social) até a de conferência (esfera internacional). Por fim, concluiu-se que conhecer e dominar as diferenças lingüísticas da Libras em relação ao Português é essencial ao ILS, mas não é o bastante, visto que suas tomadas de decisão e escolhas lingüísticas dependem de aspectos situacionais, contextuais e da variação lingüística, e, também, de elementos culturais e diferenças existentes em meio ao público da interpretação.

Introdução: percursos e trajetórias de “formação”

A formação de ILS no Brasil ainda é feita de forma incipiente se comparada a alguns outros países. Atualmente, encontramos cursos superiores que se destinam a formação do ILS brasileiro: (1) o curso de Letras-Libras na modalidade de Bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina; (2) o curso de Tradução e Interpretação com habilitação em Libras-Língua Portuguesa da Universidade Metodista de Piracicaba; (3) o curso de Tecnólogo em Comunicação Assistiva Libras e Braile da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (habilitando o ILS), este último com caráter tecnológico e não voltado especificamente ao ILS. Além dessas graduações, encontramos cursos de pós-graduação *latu sensu* visando à formação do ILS.

Pensar na formação de ILS hoje é lidar necessariamente com a antiga dicotomia entre a ênfase no treinamento/ automatização (ROBINSON, 1997) ou no ensino/ conscientização (ALVES, MAGALHÃES, PAGANO, 2000; GONÇALVES, 2003) durante o processo de formação profissional. Tal dicotomia pode ser observada nas oficinas e nos cursos livres e institucionalizados destinados à capacitação e formação dos TILS no Brasil, principalmente, a partir da década de 1990. Alguns destes cursos organizaram-se com base em puro treinamento

e prática, com vistas à automatização (“procedimentalização”) do TILS, já outros se fundamentaram com base no ensino e na reflexão sobre o processo de interpretação, lançando mão, principalmente, de princípios teóricos e conceituais, visando à conscientização (teorização) do profissional. Independente da diretriz didático-metodológica escolhida, ou da ênfase dada durante a formação do ILS, o fato que se destaca é a vasta amplitude do campo de atuação do profissional e a diversidade do público atendido.

Enquanto determinados cursos voltam-se para tipos específicos de interpretação, tais como a interpretação religiosa e/ ou a interpretação educacional, por exemplo, outros buscam tratar do processo de traslado do texto em si, sem considerar os aspectos situacionais relacionados a ele. Há ainda os cursos que buscam oferecer conhecimentos acerca da especificidade de cada um dos possíveis campos de atuação do ILS. Nesse sentido, tais cursos acreditam proporcionar habilidades e conhecimentos gerais necessários ao ILS. Todavia, é importante destacar que os conhecimentos específicos aos diversos tipos de interpretação são bem amplos e nem sempre é possível abordá-los rápida e sinteticamente.

Tal perspectiva nos conduz para além dos aspectos específicos à competência do ILS, fazendo com que questionemos se tal profissional seria um especialista (formando-se para atuar em um campo específico da sociedade ou do conhecimento) ou um generalista (formando-se para atuar em qualquer campo da sociedade ou do conhecimento), visto que lidar com a diversidade do público é um requisito que não há como alterar. É fato que os intérpretes de conferência atuam em eventos diferentes com assuntos distintos, sendo que alguns são especialistas, já que o conhecimento específico da área que está sendo abordada interfere na atuação. O mesmo acontece com os ILS, mas, por atenderem a uma minoria lingüística e cultural, acabam por atuar em campos diversos e muito distintos em relação aos conhecimentos, habilidades, estratégias e posturas que são requeridas.

Portanto, vale fazermos algumas questões: Um único ILS reuniria conhecimentos, habilidades e estratégias para atuar em distintas esferas (internacional e intra-social) e com tipos específicos de interpretação, tais como a interpretação comunitária (*community interpreting*), a interpretação em tribunais (*courty/ legal interpreting*), a interpretação médica (*healthcare/ medical interpreting*), a interpretação de diálogo (*dialogue interpreting*), a interpretação na mídia (*media interpreting*), a interpretação de ligação ou acompanhamento (*liaison/ escort interpreting*) e a interpretação de conferência (*conference interpreting*)? Tal ILS, também,

estaria apto para lidar com as diferenças presentes em meio às pessoas com surdez, desde a polarização mais comum entre surdos e pessoas com deficiência auditiva e/ ou ensurdecidas, até as diferenças lingüísticas, culturais, sociais, políticas, ideológicas, físicas, etárias, étnicas, religiosas, de gênero e pessoais dos surdos, no sentido cultural do termo?

Enfim, considerando-se tais questionamentos, elaboramos e aplicamos questionários a trinta ILS das regiões sudeste (vinte e sete) e centro-oeste (três). Neste questionário, perguntamos acerca das características do que consideram ser a principal formação de ILS já cursada; sobre os locais, contextos e situações em que já atuaram e sobre os aspectos que envolvem a complexidade de tais espaços e a preparação necessária para atuar neles. Assim, com base nos Estudos da Tradução, da Interpretação e da Interpretação em Língua de Sinais, refletiu-se acerca dos dados fornecidos pelos questionários em relação à problemática proposta.¹

Apresentação dos dados e reflexões

Dos trinta ILS participantes da pesquisa (16 mulheres/ 14 homens), cinco nunca participaram de cursos de formação; dois fizeram pós-graduação em Libras com ênfase em interpretação; quatro realizaram a graduação tecnológica com habilitação em ILS e os demais indicaram participação em oficinas, capacitações e cursos oferecidos por várias instituições, tais como a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis), Centros de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), Associações de Surdos, Igrejas, Seminário Teológico, Governos Federal e Estadual e Prefeituras. Com relação ao tempo de atuação como ILS, pode-se observar o seguinte: 2 a 6 anos – 06 ILS; 6 a 10 anos – 07 ILS; 10 a 14 anos – 09 ILS; 14 a 18 anos – 03 ILS; mais de 18 anos – 05 ILS.

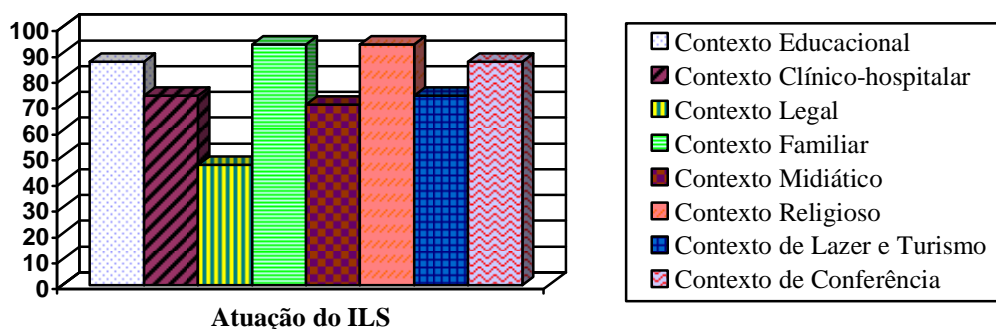
Observa-se que mais de 50% dos ILS pesquisados possuem mais de 10 anos de atuação, sendo que cinco deles já estão no mercado há mais de 18 anos. A experiência adquirida através da prática caracteriza a atuação de tais profissionais. Nesse sentido, pode-se afirmar que a grande maioria dos ILS atua com base no conhecimento procedimental (operacional).² Segundo Anderson (1983), esse conhecimento diz respeito ao *saber como*. Albir (2005, p.21) explica

¹ Nesse artigo, por uma questão de espaço, apresenta-se somente parte da pesquisa. Privilegiou-se, portanto, uma visão mais geral.

² Além do conhecimento procedimental, teríamos o declarativo e o explicativo. “O conhecimento declarativo consiste em *saber o quê*. É fácil de verbalizar, se adquire através da exposição e seu processamento é essencialmente controlado” (ALBIR, 2005, p.21). Alguns autores falam também do conhecimento explicativo, que estaria relacionado com o *saber por quê*.

que esse tipo de conhecimento “é difícil de verbalizar, é adquirido através da prática e se processa essencialmente de maneira automática”.

É importante salientar que, ao pedirmos para que os ILS participantes da pesquisa indicassem as áreas que atuam ou já atuaram, mais de 90% deles indicou o contexto religioso e o familiar. Esse dado corrobora a importância do contexto religioso como espaço de atuação e formação de ILS, fato que é sinalizado por vários autores (ROSA, 2005; SANTOS, 2006; PEREIRA, 2008; TUXI, 2009). Esses dados também demonstram a importância do ILS no estabelecimento da comunicação intra-familiar, visto que cerca de 95% dos surdos são filhos de ouvintes (QUADROS, 1997). Os próximos contextos que se destacaram foram o educacional e o de conferências (congressos e grandes eventos nacionais e/ ou internacionais) com mais de 85% dos ILS afirmando já terem atuado neles.



Como se pode ver no quadro acima, os ILS atuam em diversos contextos (ISHAM, 1998; MUNDAY, 2009; PÖCHHACKER, 2009): *Contextos Educacionais* – em todos os níveis de ensino, inclusive em vestibulares, concursos e outros; *Contextos clínicos e hospitalares* – acompanhando não somente as consultas médicas, mas exames, cirurgias, tratamentos médicos, psiquiátricos e psicológicos etc; *Contextos legais* – em audiências, julgamentos, juizados, delegacias, conciliações, consulta a advogados, ministério público, casamentos etc; *Contextos Familiares* – conversas de pais com filhos, irmãos parentes, namorados, amigos, assuntos íntimos, confidenciais, etc; *Contextos Midiáticos* – telejornais, programas políticos, filmes, documentários, sites e outros produtos da mídia; *Contextos Religiosos* – nos mais diversos tipos de atividades vinculadas a grupos religiosos: cultos, missas, reuniões etc; *Contextos de Lazer e Turismo* – parques, clubes, museus, passeios, excursões, etc; *Contextos de Conferências* – grandes eventos, inclusive de caráter acadêmico e internacional. Vale destacar que, além dos espaços abordados acima, existem, também, vários outros, tais como os *Contextos empresariais* – em treinamentos, seleções, reuniões e, até mesmo, no dia a dia da

empresa; os *Contextos de serviços públicos/ sociais* – acompanhamentos em serviços sociais para cadastramento, atendimentos e retirada de benefícios; dentre outros.

É evidente que a grande diversidade de atuação dos ILS na atualidade relaciona-se com o caráter comunitário presente nos primórdios de sua constituição. Vários autores apontam o fato de que os primeiros ILS eram familiares, vizinhos e amigos dos surdos ou se ligavam a eles por motivos religiosos (QUADROS, 2004; ROSA, 2005; PEREIRA, 2008). É interessante notar que, muitas vezes, o ILS é visto mais como um intérprete para surdos do que propriamente como um mediador interlingüístico, fato que fica evidente nos questionários, visto que 90% do ILS participantes da pesquisa já foram chamados e/ ou contratados para atuar junto aos surdos que não sabiam Língua de Sinais (LS), muitos desses surdos nem mesmo eram oralizados (não falavam nem dominavam leitura labial).

Portanto, grande parte dos ILS atua no âmbito da interpretação comunitária (*community interpreting*). Esse tipo de interpretação é aquele que se dá na esfera pública, com o intuito de facilitar a comunicação dos não-falantes da língua oficial do país, e o seu conseqüente acesso aos provedores de serviços, tais como a educação, a saúde e os contextos legais (CARR *et al.*, 1995; WADENSJÖ, 1998). O intérprete comunitário também é chamado de *mediador intercultural*, *intérprete de serviço público*, *intérprete cultural*, etc. Por outro lado, a interpretação de conferências (*conference interpreting*), foco considerável de atuação dos ILS e em intensa ampliação, refere-se àquela interpretação realizada em contextos internacionais, tanto em eventos e grandes encontros quanto na mídia (rádio e TV) (GILE, 1998; DIRIKER, 2008). Vejamos, portanto, um quadro comparativo desses tipos de interpretação:

Interpretação comunitária (WADENSJÖ, 1998)	Interpretação de conferências (GILE, 1998)
<ul style="list-style-type: none"> - atividade de caráter <i>intra-social</i> (PÖCHHACKER, 2001); - atividade ligada às instituições públicas e ao acesso aos bens públicos (mediação social); - interpretação consecutiva/ intermitente (PAGURA, 2003) de interações reais e diálogos espontâneos, face a face, e não de discursos; - interpretação de e para ambas as línguas, sendo uma delas a língua oficial do país e a outra a de uma minoria, comunidade estrangeira ou outro grupo marginalizado; - atuação com mais visibilidade que aquela realizada em conferências (com o ILS ocorre o contrário); - função entendida como muito mais que interpretar entre duas línguas (apoio, defesa, militância...); - interpretação realizada sem prévia formação e com baixa ou nenhuma remuneração (atualmente existem programas de profissionalização de intérpretes comunitários). 	<ul style="list-style-type: none"> - atividade de caráter <i>internacional</i> (PÖCHHACKER, 2001); - atividade ligada muitas vezes a encontros multilíngües e multiculturais; - interpretação de discursos em grandes eventos na grande maioria das vezes simultaneamente (ou consecutivamente); - interpretação de e para ambas as línguas, sempre que necessário (a maioria dos intérpretes tem no máximo três línguas de trabalho – A, B e C); - atuação com pouca visibilidade no sentido de que o intérprete fica em cabinas e não diante do público (com o ILS ocorre o contrário); - interpretação considerada de grande prestígio e realizada por profissionais com formação, os quais são devidamente remunerados.

Após se observarem as peculiaridades de cada tipo de interpretação, vale dizer que a interpretação em Língua de Sinais ou para surdos tem se constituído como um campo específico que congrega diversos tipos e esferas de interpretação, desde a interpretação comunitária (esfera intra-social) até a interpretação de conferência (esfera internacional). Nesse sentido, considera-se que a formação é um aspecto essencial ao ILS e precisa ser ao mesmo tempo ampla e profunda, ainda mais diante de uma crescente indústria da interpretação. Segundo Alves e Gonçalves (2007) e Gonçalves (2008, p.126), “a construção de competências é um fenômeno ao mesmo tempo cognitivo e sócio-interativo”. Esse aspecto sinaliza que a formação do ILS precisa contemplar diversos aspectos interligados que levem tanto à automatização quanto à conscientização. Portanto, para se tornar um profissional competente (experto) é preciso articular esses níveis, e não só eles, mas também outros níveis cognitivos: certa metacognição, característica marcante do profissional competente/ experto (GONÇALVES, 2008). Daí a importância da vivência prática na formação do profissional ILS.

Entretanto, esse aspecto se esbarra em uma questão levantada por Isham (1998), a saber, o crescente afastamento dos novos ILS da convivência com a comunidade surda, fato que restringe o conhecimento da LS a cursos, fazendo com que cada vez mais os ILS usem uma Forma Sinalizada da língua oral, em detrimento da LS. Segundo Isham, isso tem feito com que os surdos se adaptem ao intérprete mais do que o intérprete à cultura surda. “Assim muitos acreditam que o pêndulo tem oscilado mais: anteriormente os intérpretes eram muito mais afinados à comunidade surda, hoje eles não são aculturados o bastante para corresponder às necessidades dessa comunidade” (ISHAM, 1998, p.233). Nesse sentido, pode-se afirmar que se faz essencial à formação do ILS a convivência real com a comunidade surda como campo de prática e consolidação do aprendizado.

Considerações Finais

Por fim, concluiu-se que conhecer e dominar as diferenças lingüísticas da Libras em relação ao Português é essencial à formação do ILS, mas não é o bastante, visto que suas tomadas de decisão e escolhas lingüísticas dependem também de aspectos situacionais, contextuais e da variação lingüística, e, também, de elementos culturais e das diferenças existentes em meio ao público da interpretação. Aspectos diversos que constituirão a competência tradutória do ILS. Some-se, também, o fato de que para se conhecer as diferenças existentes em meio à Comunidade Surda é necessária a convivência direta e o contato face a face, sendo que as

abordagens realizadas em disciplinas específicas da graduação e em outros cursos não são suficientes, visto que, por si só, não dão conta do alto grau de diversidade existente em meio aos surdos nem da variabilidade da atuação dos ILS. Fato que destaca a importância dos conhecimentos práticos e profissionais na formação do ILS e que se sobressai como aspecto primordial da formação dos primeiros ILS.

Referências Bibliográficas

- ALBIR, A. H. *A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos*. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.19-58.
- ALVES, F.; GONÇALVES, J. L. V. R. *Modelling translator's competence: relevance and expertise under scrutiny*. In: GAMBIER, Y.; SCHLESINGER, M.; STOLZE, R. (Ed.). *Translation Studies: doubts and directions*. Selected papers from the IV Congress of the European Society for Translation Studies. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 41-55.
- ALVES, F.; MAGALHÃES, C. M., PAGANO, A. S. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.
- ANDERSON, J. R. *The architecture of cognition*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1983.
- CARR, S. *et al.* *The critical link: Interpreters in the community. Papers from the 1st International Conference on Interpreting in Legal, Health, and Social Service Settings*, Geneva Park, Canada, June 1-4, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GILE, D. Conference and simultaneous interpreting. In: BAKER, M. (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998. p.40-45.
- ISHAM, W. P. Signed language interpreting. In: BAKER, M. (org.) *Routledge encyclopedia of translation studies*. London; New York: Routledge, 1998.
- GONÇALVES, J. L. V. R. *O desenvolvimento da competência do tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental*. 2003. 241f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – FALE-UFMG, Belo Horizonte.
- GONÇALVES, J. L. V. R. *Rediscutindo o conceito de competência de uma perspectiva relevantista*. In: CAMPOS, J.; RAUEN, F. J. (Org.) *Tópicos em teoria da relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 122-142.
- MUNDAY, J. *The Routledge Companion to Translation Studies*. Routledge, 2009.
- PEREIRA, M. C. P. *Interpretação Interlingüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais*. Cadernos de Tradução. n.XXI, v.1, 135-156, Florianópolis: UFSC, PGET, 2008.
- PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, J. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London: Routledge. 2009, p.128-140.
- QUADROS, R. M. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa*. Brasília:MEC, 2004.
- ROBINSON, D. *Becoming a translator: an accelerated course*. London: Routledge, 1997.
- ROSA, A. S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete* – Dissertação. UNICAMP, Faculdade de Educação. Campinas, 2005.
- SANTOS, S. A. dos S. *A constituição da identidade do profissional intérprete de língua de sinais no ensino superior (Mestrado em Educação)*, UFSC, Brasil, 2006.
- TUXI, P. *A atuação do intérprete educacional no Ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2009.
- WADENSJÖ, C. Community Interpreting. In: BAKER, M. (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998. p.33-37.